



Ficar! Não ficar?

Não é difícil imaginar as muitas revoluções sexuais vividas pela escola e pela família brasileira nos últimos 60 anos. Desde uma fase em que os papéis masculinos e femininos encontravam-se rigidamente definidos – e, portanto, falar em sexo era sempre proibido, meninos necessitavam de preceptores ou padres e meninas de colegas, madrinhas ou freiras para raros esclarecimentos – até os dias de hoje, em que a moda é “ficar”, atirando-se à condição de proscritos os jovens que se balançam entre a dúvida sobre o sim ou o não dessa forma de proceder. Mas que não se pense que ocorreu apenas o salto de uma posição para outra tão diferente. Entre elas ocorreram surtos em que “proibir era proibido” e casal que não mudava de parceiro era visto como careta e sem criatividade, fases xiitas, nas quais se buscava a reclusão medieval absoluta, até o casamento para homens e para mulheres.

É claro que diante de tantas e tão radicais mudanças, fica a professores e principalmente a pais uma imensa dúvida: se aceitam ou não para os filhos o “ficar”. Adaptam-se, ainda que contrariados, à modernidade dos tempos, sacodem os ombros e não aborrecem os filhos e as filhas com restrições, ou edificam posições rígidas e elaboram exaltados discursos sobre valores e dignidade?

A análise de muitos casos parece sugerir que qualquer uma das posições extremadas indica erro educacional estratégico. Ainda que a primeira linha procedimental seja mais suave e mais simpática aos filhos e traga aos pais uma linda aura de “modernos”, parece ser tão nociva e tão perigosa como a segunda, que leva a inevitáveis conflitos e bruscas separações, senão de ambientes ao menos de afetividade. Assim, parece que a melhor estratégia é a que esta crônica busca sugerir, ainda que admitindo que cada família e cada escola expressam um caso particular que se adapta com dificuldade a toda generalização.

A estratégia mais correta inspira-se em alguns procedimentos, entre os quais o de maior importância é o hábito da conversa. Toda família

*que fizer das conversas um ritual de aproximação, no qual pais e filhos desde sempre trocam ideias sobre tudo e sobre todos, que possuir momentos específicos para ir muito além do dizer, mergulhando num verdadeiro falar, conversará sobre sexo com naturalidade e, dessa forma, se permitirá que o assunto “ficar” possa aparecer, sem sobressaltos ou surpresas. Quando tal ocorrer, antes que os adultos coloquem suas posições, é interessante ouvir o que os filhos (ou alunos) pensam e, interrogando e indagando-os, **permitir que edifiquem as referências sobre o que desse assunto pensam os amigos e o que, com a individualidade inerente a cada um, pensam eles.** Tendo lhes propiciado a abertura e o direito de mostrar seus pensamentos, é hora de se aproveitar a oportunidade para apresentar também os pensamentos dos pais ou professores. Essas ideias podem ou não ser coincidentes com as dos jovens, mas é essencial que se saiba aceitar formas diferentes de pensar e que pessoas amigas troquem pensamentos, ainda que não viciados na impetuosidade de desejar uma imposição.*

Caso exista diversidade de pensamentos e os jovens demonstrem que pensam como pensam seus pais os

ridiculariza diante de seus amigos, deve-se procurar mostrar que existe inefável beleza na individualidade, mas extrema torpeza da alienação de se seguir um rebanho. Em outras palavras, ajudar o **jovem a acreditar que pensar diferente pode implicar ser rejeitado no clã, e que talvez não sejam esses os amigos verdadeiros, pois amizades autênticas e boas sabem conviver com ideias distintas**. Essa orientação, entretanto, não busca fazer com que o jovem pense como um adulto, mas ajudá-lo a alcançar autonomia na procura por uma identidade liberta. Se, por sua vez, existe firmeza na ideia do jovem e esta se contrapõe aos valores dos adultos, é preciso assumir a dignidade de mostrar que quem verdadeiramente ama o filho não o amará menos se este agir da forma como jamais agiríamos.

Quando amamos de verdade uma pessoa, aceitamos a sua forma de pensar se esta se mostra autêntica. Essa aceitação, entretanto, não deve esconder a vontade de ajudá-la a descobrir se busca “ficar” porque acredita ser uma forma de autêntica liberdade, se o faz pela gratuidade de uma relação circunstancial e uma masturbação a dois, ou por ser moda e com adesão a ela se busca aceitação no clã. **É importante que todo adulto possa ajudar um jovem a refletir sobre sua ação, não porque defendemos outra, mas porque como educadores necessitamos fincar o beneplácito da dúvida, para que ela faça nascer a autenticidade da reflexão.**

A questão do “ficar” ou “não ficar” não representa apenas uma maneira de se pensar a educação sexual. Mais que isso, trata-se de uma prova para que, olhando no fundo de nossa consciência, possamos ter plena certeza de que amamos os jovens e sabemos caminhar ao seu lado, ou de que em verdade ainda não aprendemos a nos amar um pouco menos e, por isso, desejamos trazê-los à força para junto de nós.

(Professor Celso Antunes. Especial para o Sistema de Ensino Energia.)



Nota de esclarecimento: Por questões de direitos autorais a impressão ou a cópia textual desse arquivo foram desabilitadas. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização, por escrito, do Sistema de Ensino Energia - Unidade Florianópolis.